



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MILTON EDUARDO DA SILVA NETO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**HEROISMO E SILÊNCIAMENTO: OS USOS POLÍTICOS DE UM
ASSASSINATO**

João Pessoa
2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N469h Neto, Milton Eduardo da Silva.

Heroísmo e silenciamento : os usos políticos de um assassinato / Milton Eduardo da Silva Neto. - João Pessoa, 2025.

21 f.

Orientador : Martinho Guedes dos Santos Neto.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. João Dantas. 2. Anayde Beiriz. 3. João Pessoa. 4. Silenciamento e heroísmo. I. Santos Neto, Martinho Guedes dos. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 94 (813.3)

MILTON EDUARDO DA SILVA NETO

**HEROISMO E SILÊNCIAMENTO: OS USOS POLITICOS DE UM
ASSASSINATO**

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do título de Graduação
(Licenciatura Plena) em História pela
Universidade Federal da Paraíba, sob
orientação do Prof. Dr. Martinho Guedes dos
Santos Neto.

João Pessoa - PB
2025

MILTON EDUARDO DA SILVA NETO

**HEROISMO E SILÊNCIAMENTO: OS USOS POLITICOS DE UM
ASSASSINATO**

Data da defesa: _____/_____/_____

Milton Eduardo da Silva Neto
(Orientando)

Prof. Dr^a Claudia Cristina do Lago Borges
(Leitora)

Prof. Dr. Eduardo Henrique de Lima Guimarães
(Prof. da disciplina TCC II)

Prof. Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto
(Orientador)

RESUMO

A história de João Pessoa como herói e mártir nacional é, na verdade, evidência de grande manipulação política, já que Getúlio Vargas a utilizou para alimentar a Revolução de 1930. Uma imagem de João Pessoa defendendo a democracia e a justiça, formada com cautela, foi desenvolvida para acomodar os interesses do movimento revolucionário e disfarçar alguns dos aspectos obscuros de sua administração na Paraíba.

Elevar João Pessoa à categoria de figura quase santa não é apenas ignorância, mas uma distorção das reais circunstâncias de seu governo, que foi marcado por práticas autoritárias, repressão a opositores políticos, censura à imprensa, violação de direitos humanos e corrupção administrativa. A criação do herói modelo significa eliminar esses fatores problemáticos, o que faz a narrativa oficial, apresentando uma versão totalmente unilateral da história.

Além disso, esta construção heroica silencia as histórias de João Dantas e Anayde Beiriz, que também foram vítimas de perseguições e violências, tanto físicas como simbólicas. João Dantas, cujo ato foi uma vingança pessoal pela humilhação pública causada pela exposição de suas cartas íntimas com Anayde, foi ele próprio demonizado e reduzido a um vilão bárbaro. Anayde, por sua vez, foi tratada de forma cruel e desumana, pois foi difamada e desvalorizada em suas capacidades intelectuais e artísticas.

Os jornais da época, como "A União", desenvolveram essa narrativa, exaltando João Pessoa como um "profeta" e sancionando a disseminação de sua imagem em instituições públicas, ao mesmo tempo em que João Dantas era retratado como inimigo da pátria. Essa manipulação midiática serviu para consolidar a imagem de João Pessoa e facilitar uma mobilização popular em favor da revolução liderada por Vargas.

Por isso é muito importante problematizar essa construção injusta e unilateral de João Pessoa como herói. Dever-se-á questionar quais os interesses políticos e ideologias que estão por detrás deste discurso e ser capaz de reconhecer a complexa dimensão humana de João Dantas e Anayde Beiriz. Ambos foram figuras multifacetadas que, apesar dos erros, também tinham virtudes, talentos e sonhos. Suas histórias merecem ser resgatadas e lembradas de maneira justa e equilibrada, não como criminosos e traidores, mas sim como seres humanos que foram profundamente afetados pelas políticas econômicas de seu tempo.

Palavras-chaves: João Dantas, João Pessoa, Anayde Beiriz, silenciamento e heroísmo

ABSTRACT

The story of João Pessoa as a national hero and martyr is, in fact, evidence of significant political manipulation, as Getúlio Vargas used it to fuel the 1930 Revolution. An image of João Pessoa as a defender of democracy and justice, carefully constructed, was developed to accommodate the interests of the revolutionary movement and to mask some of the darker aspects of his administration in Paraíba.

Elevating João Pessoa to the status of an almost saintly figure is not merely ignorance but a distortion of the real circumstances of his government, which was marked by authoritarian practices, repression of political opponents, censorship of the press, human rights violations, and administrative corruption. The creation of a model hero means

erasing these problematic factors, which is exactly what the official narrative does, presenting a completely one-sided version of history.

Furthermore, this heroic construction silences the stories of João Dantas and Anayde Beiriz, who were also victims of both physical and symbolic persecution and violence. João Dantas, whose act was a personal revenge for the public humiliation caused by the exposure of his intimate letters with Anayde, was himself demonized and reduced to a barbaric villain. Anayde, in turn, was treated cruelly and inhumanely, as she was slandered and devalued in her intellectual and artistic capacities.

Newspapers of the time, such as *A União*, developed this narrative, exalting João Pessoa as a "prophet" and endorsing the dissemination of his image in public institutions, while João Dantas was portrayed as an enemy of the nation. This media manipulation served to consolidate João Pessoa's image and facilitate popular mobilization in favor of the revolution led by Vargas.

Therefore, it is crucial to question this unfair and one-sided construction of João Pessoa as a hero. It is necessary to examine the political interests and ideologies behind this discourse and to recognize the complex human dimensions of João Dantas and Anayde Beiriz. Both were multifaceted individuals who, despite their faults, also had virtues, talents, and dreams. Their stories deserve to be rescued and remembered in a fair and balanced manner, not as criminals and traitors, but as human beings who were deeply affected by the economic and political policies of their time.

Keywords: João Dantas, João Pessoa, Anayde Beiriz, silencing, heroism

1.INTRODUÇÃO

A história de João Pessoa é a de um herói e mártir nacional, ao mesmo tempo que esconde uma teia muito mais complexa de manipulações políticas instrumentalizadas por Getúlio Vargas com o objetivo de dar legitimidade à Revolução de 1930. Sua imagem de defensor da democracia e da justiça estava sendo levantada com muito cuidado para atender aos interesses dos revolucionários e para ofuscar os lados autoritários e polêmicos de sua administração na Paraíba. Esta história de elogios ignora, ou pior, distorce elementos básicos do seu governo, como a repressão dos opositores, o amordaçamento da imprensa e as violações dos direitos humanos.

Além disso, aquele edifício heróico não só esconde os aspectos incômodos do seu governo, mas também apaga ou faz com que outros protagonistas da história, como João Dantas e Anayde Beiriz, pareçam vilões. Dantas, por motivos pessoais, desde que foi humilhado publicamente com a publicação de suas cartas íntimas, foi caricaturado como vilão bárbaro; Anayde foi demonizada e difamada, e sua carreira profissional como mulher intelectual e artista foi completamente ignorada pela historiografia oficial. A glorificação de João Pessoa e a demonização de Dantas e Beiriz revelam manipulações midiáticas e políticas que serviram aos interesses da revolução.

A relevância deste trabalho reflete-se nos campos teórico e prático. No aspecto teórico, isso contribui para a historiografia crítica ao revisitar esses acontecimentos e personagens da época e lutar contra visões unilaterais que ainda persistem no imaginário coletivo. Tal processo contribui para ampliar o debate sobre os processos de construção política de mitos e heróis nacionais, questionando como figuras históricas são manipuladas de acordo com interesses políticos.

Será no campo da prática que a investigação recuperará a voz silenciada dessas figuras marginais, como João Dantas e Anayde Beiriz, numa procura de reconhecimento das suas complexidades humanas, intelectuais e sociais. O trabalho buscará contribuir para uma compreensão mais ampla e inclusiva da história, capaz de apoiar novas reflexões sobre a justiça, a memória histórica e a forma de lidar com figuras públicas. Assim, a expectativa é que esta pesquisa forneça insumos importantes para a construção de uma visão crítica e consciente dos meandros da história política brasileira.

Compreendi a necessidade de realizar esta pesquisa, enquanto buscava conhecer mais os meandros políticos da Paraíba, e me deparando com o silenciamento, juntamente com uma construção unilateral de um antagonismo, tornando difícil encontrar obras que contraponha o discurso político que desencadearam o golpe de estado realizado em 1930, capitaneado por Getúlio Vargas.

4.METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida nesta pesquisa teve como objetivo analisar e discutir a construção da imagem heroica de João Pessoa, sua administração política e as consequências de seu assassinato para o cenário político brasileiro. Os principais aspectos da metodologia são abordados abaixo.

Contextualizando os aspectos políticos que ocorreram antes e depois do assassinato de João Pessoa, para a melhor compreensão dos movimentos realizados politicamente para a criação de uma memória histórica, para isso selecionei de um lado as narrativas oficiais por meio dos jornais e a publicação dos decretos, e do outro lado os telegramas e as biografias dos atores principais do tema.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, exploratória e descritiva. A análise é direcionada à compreensão das representações políticas, culturais e simbólicas de João Pessoa e do impacto que seu assassinato causou no imaginário coletivo. Também contém elementos de pesquisa histórica, pois faz uso de fontes primárias como jornais da época, fotografias e documentos biográficos, além de obras de referência sobre o tema.

Levantamento bibliográfico: Foram utilizados livros, dissertações, teses e biografias sobre o tema, com destaque para as obras de Balandier, Luciano de Queiroz, Genes Duarte e Inês Caminha. Esta foi uma leitura essencial sobre como os conceitos de heroísmo, martírio e mito político foram conduzidos.

Análise de jornais e periódicos: Foram examinados os jornais A União e Diário da Borborema, que publicaram o assassinato e o processo de mitificação de João Pessoa. A análise discutiu o processo de publicação de cada evento e como a mídia construiu a imagem heroica e disseminou uma narrativa simbólica.

Análise documental: Além de jornais, documentos públicos de discursos e elogios políticos, registros de monumentos e comemorações, com foco no mausoléu de João Pessoa e outras formas de memória pública.

O método de análise adotado é a análise do discurso e a hermenêutica histórica.

Análise do discurso: Serão analisados os discursos políticos e jornalísticos sobre a figura de João Pessoa para identificar, neles, elementos de caráter simbólico que contribuíram para sua mitificação e para a consolidação de sua imagem heróica. Será feito à luz da teoria de Georges Balandier sobre o espetáculo político, tomando como base como o poder se manifesta por meio de performances e simbolismos.

Hermenêutica histórica: Trabalhos que utilizam a abordagem da A União para interpretar representações do passado e o uso político dessas representações. Consideram elementos simbólicos, "representações de poder" no assassinato e na homenagem subsequente.

Capítulo 1: As Políticas de João Pessoa e a Guerra das Princesas

Embora a imagem pública de João Pessoa fosse a de um democrata estridente e moralizador político, um exame cuidadoso mostra uma situação decididamente mais complexa. Seu mandato, que começou em 1928 como Presidente da Paraíba, foi marcado por políticas de centralização e conflitos diretos com as oligarquias locais, sobretudo os coronéis, figuras de poder que dominavam a política e a economia no interior do estado. Essa atitude belicosa culminou na chamada Revolta de Princesa, um episódio violento que constituiu um dos maiores desafios à sua administração.

Contexto e Reformas Políticas

João Pessoa assumiu o governo da Paraíba graças ao seu tio, o ex-presidente do Brasil Epitácio Pessoa, mediante promessas de moralizar e modernizar a política do estado. Desde o início, ele teve uma postura rígida contra o coronelismo, rebaixando os prefeitos, juízes e delegados ligados às elites locais e nomeando aqueles que compartilhavam sua visão de governança centralizada. Seu discurso é de combate à corrupção e aos abusos de

poder, mas muitas dessas medidas serviram também para consolidar sua própria influência política.

Entre suas iniciativas, destacam-se:

- **Reforma Fiscal:** Criação de impostos sobre importações e pedágios que desfavoreciam o comércio com estados vizinhos, especialmente Pernambuco, este comércio se deu por questões geográficas e financeiras, o comércio direto entre o interior do estado e Pernambuco eram mais próximos que o interior do estado com a própria capital Parahyba. Essa medida, chamada pejorativamente de “guerra tributária”, gerou protestos e agravou o prejuízo com o governo federal.

- **Combate ao Cangaço:** moralização da Força Pública e desarmamento de civis; perseguição aos interesses dos coronéis, que se utilizavam de grupos armados para a consolidação de seu poder.

- **Centralização Política:** Desarticulação de redes de influência locais: retirada de lideranças consideradas opositoras e nomeação de aliados em cargos estratégicos.

Estas medidas, embora defendidas como necessárias à modernização do Estado, alienaram grandes setores da elite paraibana. A figura de João Pessoa como reformista moral se choca com suas práticas de caráter autoritário e com uma governança marcada pela exclusão de adversários políticos.

Conflito com Princesa Isabel

O estopim da Revolta de Princesa foi dado em fevereiro daquele ano de 1928, quando o coronel José Pereira Lima, um dos líderes da região, rompeu com o governo estadual. Tratou-se de uma decisão em evidência à política que João Pessoa adotou no sentido de desarticular a influência do coronel no município de Princesa Isabel. Sua ocorrência foi movida contra o governo estadual com o objetivo de tomar a capital e depor João Pessoa. A rebelião, que só terminou em julho de 1930, foi palco de ferozes batalhas envolvendo tropas estaduais e os insurgentes de Princesa Isabel. Tal acontecimento evidenciou a fragilidade do poder central e a resistência das estruturas oligárquicas ao interior da

Paraíba. Durante meses, Princesa Isabel tornou-se um território independente, governado por José Pereira e apoiado por outros coronéis e setores da população local.

Consequências Políticas e Sequela

A revolta da Princesa enfraqueceu a posição de João Pessoa tanto no Estado como na Nação. Sua candidatura a vice-presidente na chapa de Getúlio Vargas pela Aliança Liberal já era resistida por causa das políticas controversas que ele havia implementado na Paraíba. O conflito interno foi usado por seus adversários como um exemplo de sua incapacidade de governar em paz.

A narrativa oficial que surgiu após sua morte, no entanto, apagou muitas dessas críticas. Ao se tornar um mártir da Revolução de 1930, João Pessoa se tornou um líder democrático e destemido, e os aspectos mais autoritários de sua administração foram ocultados. A chamada Revolta de Princesa foi reinterpretada como uma revolta isolada, não parte de uma resistência mais ampla contra suas políticas.

Reflexões sobre a construção histórica

A história da Revolta da Princesa e das políticas de João Pessoa é complexa e contraditória. O governo que prometia modernização e moralização frequentemente usava práticas autoritárias para consolidar seu poder. Por outro lado, os coronéis eram retratados como vilões retrógrados, embora representassem, para muitos, resistência à centralização autoritária.

Este primeiro capítulo convida o leitor a problematizar os discursos simplistas que exaltam João Pessoa como um herói inquestionável e a levar em consideração os interesses políticos que moldaram sua imagem póstuma. Ao problematizar esses eventos, é possível compreender de forma mais aprofundada as dinâmicas de poder e resistência que marcaram a Paraíba durante o final da Primeira República.

Capítulo 2: Anayde Beiriz e João Dantas

A história de Anayde Beiriz e João Dantas está muito ligada ao contexto político e social do Estado da Paraíba na década de 1930. Ambos se tornaram protagonistas de um drama histórico que os arrancou dos limites da vida privada, projetando-os para o cenário

político em nível nacional, em razão dos acontecimentos que culminaram no assassinato de João Pessoa. As histórias sobre essas vidas foram tingidas de preconceito, manipulação e representações deformadas de interesses de natureza política.

Anayde Beiriz: Mulher Intelectual e Transgressora de Gênero

Anayde Beiriz foi uma poetisa, professora paraibana, estado do Nordeste brasileiro, que lutava contra os papéis e comportamentos de gênero com os quais as mulheres de sua época tinham que conviver. Educada, amante da arte e da literatura, Anayde era considerada uma mulher de espírito livre e, portanto, em conflito com o comportamento social conservador da Paraíba. Essa relação terna com João Dantas, homem de influência política, tornou-se pública pela forma cruel e sensacionalista com que as cartas íntimas trocadas por eles chegaram à imprensa por meio dos opositores de Dantas.

Essas cartas, revelando a intimidade do casal, foram usadas como instrumento de humilhação pública. Para Anayde, o episódio representou um atentado à sua honra e dignidade, pois ela foi retratada de forma pejorativa, como uma mulher licenciosa. Essa narração, amplificada pela mídia, invisibilizou sua intelectualidade e contribuições culturais, reduzindo-a a um estereótipo injusto e misógino.

João Dantas: político e adversário

João Dantas era advogado e jornalista e um opositor bem conhecido do governo de João Pessoa. Vítima de perseguição política e pessoal, como parte do grupo político que não era favorável às reformas centralistas promovidas pelo então presidente da Paraíba, Dantas considerou que o que lhe aconteceu foi um atentado deliberadamente cruel à sua honra: seu gabinete havia sido invadido, por ordem do governo do Estado, onde cartas entre ele e Anayde foram apreendidas e publicadas.

Essa invasão e exposição pública não foram meros atos de vingança pessoal. Foi uma ação bem pensada, destinada a desmoralizar Dantas e enfraquecê-lo em sua posição adversa no que diz respeito à arena política. A humilhação infligida a ele e a Anayde foi a fagulha que fez explodir a violência no assassinato de João Pessoa, em 26 de julho de 1930, na Confeitaria Glória, no Recife.

Relação com o Contexto Político

A relação entre Anayde e João Dantas foi exposta de forma tão cruel para fins políticos, transformando sua vida privada em munição na disputa de bandos rivais. Se de um lado o governo de João Pessoa se empenhava em pregar uma imagem de dignidade e retidão e aproveitava a exposição das cartas como uma oportunidade para desmoralizar os opositores, de outro os seguidores da oposição política baseavam suas reivindicações na tragédia para denunciar o comportamento totalitário do governo.

Esse é um capítulo paraibano da história com dinâmicas complexas entre o público e o privado, mostrando como os indivíduos podem ser reduzidos a instrumentos de disputa política. Dessa forma, tanto Anayde quanto João Dantas tiveram suas trajetórias manipuladas e suas memórias distorcidas por narrativas que buscavam justificar interesses maiores.

Reflexões sobre Memória e Justiça

Anayde Beiriz e João Dantas foram figuras da tragédia, cuja complexidade de caráter foi apagada por uma história oficial que construiu a figura heroica e mártir de João Pessoa. Dourar suas histórias significa uma atitude honesta, não apenas reconhecendo as faltas cometidas, mas também suas virtudes, sob as quais as escolhas em poucos, mas definitivos momentos foram feitas; ambas vítimas de uma situação histórica que se transformou numa tragédia vivida individualmente e num facto político.

Este capítulo tenta iluminar essas trajetórias com mais justiça, realçando o impacto das políticas repressivas e das dinâmicas de poder na formação das narrativas que chegaram até nós. A história de Anayde e Dantas é um lembrete de como a honra e a dignidade dos indivíduos podem ser sacrificadas em nome de interesses políticos maiores.

Capítulo 3: Perseguição e Ataque à Honra de Anayde Beiriz e João Dantas

A vida de Anayde Beiriz e João Dantas foi completamente marcada por uma campanha de humilhação e desmoralização organizada pelos seus adversários políticos. Este ataque sistémico à honra de ambos não só destruiu a sua reputação como também os transformou em peças essenciais de um jogo político, já tendo ultrapassado as suas vidas com a exposição à violência física e simbólica.

A Exposição das Cartas Íntimas

O episódio mais emblemático da perseguição contra João Dantas e Anayde Beiriz foi a invasão do gabinete de Dantas, onde foram apreendidas cartas íntimas trocadas entre os dois. Essas cartas, cheias de declarações pessoais e sentimentos profundos, foram publicadas pela imprensa a serviço do governo estadual na tentativa de desmoralizar João Dantas como opositor.

As consequências da publicação das cartas foram devastadoras. Anayde Beiriz foi retratada da forma mais vil e pejorativa, rotulada como uma mulher de má conduta. João Dantas foi pintado em sua fraqueza e deselegância, incapaz de lutar por sua própria honra. Se a exposição dessa correspondência foi apenas uma violação de privacidade, uma relação pessoal havia se transformado em um espetáculo público.

“Perfeito typo de degenerado

No cofre marca ‘Torpedo’ encontrado no quarto do bacharel João Dantas a polícia achou notas redigidas pelo próprio punho do espião com a narrativa de atos amorosos pelo mesmo praticados. Tais notas não podem ser publicadas porque ofendem ao decoro comum. Mas quem quiser vê-las o pode fazer na policia”.

A União - Parahyba - sabbado, 26 de julho de 1930
/ numero 172 - pag. 6

Perseguição Política e Simbólica

João Dantas foi perseguido não apenas na esfera pública, mas também na esfera privada. A invasão de seu gabinete foi apenas uma das inúmeras ações orquestradas pelo governo de João Pessoa em seu esforço para enfraquecer seus opositores. Essa campanha incluiu censura, ameaças e ações legais questionáveis destinadas a intimidar aqueles que ousavam opor-se à administração estatal.

“ Recife, 01/06/1930 – Presidente João pessoa – Parahyba – Acabo de receber confirmação continua incommunicável Piancó sob vistas vosso chefe policia meu irmão Joaquim, sequestrado vossa

ordem desde 23 de Maio, enquanto fizeste policia informar falsamente Tribunal ter sido posto em liberdade. Agora sei ordenastes incêndio fazenda meu pae de cuja realização sois bom capaz, pois mesmo fez vossa policia fazenda Santo Agostinho pertencente minha família. Matae, depredae, vontade, aproveitando commoda oportunidade satisfação vosso instinetos, mas ficae certo nenhum Dantas se amedrontará nem se humilhará diante vosso capricho. E uma vez vosso obliterado senso moral, obscura consciência jurídica vos oermitem taes desatinos, apesar longo exercício magistratura, sou forçado lembrar, sem estardalhaços tão do agrado vosso temperamento teatral, que felizmente tendes filhos e justamente com eles respondereis pelo que soffrer minha família, respondendo também Estado pelos Prejuizos materiaes nos causahdes. Saudações – João Dantas”

(Telegrama enviado por João Dantas a João Pessoa, cerca de dois meses antes de assassina-lo)

Anayde Beiriz, por sua vez, foi agredida de forma ainda mais severa. Como mulher numa sociedade patriarcal e conservadora, a sua liberdade intelectual e comportamental foi usada contra ela. O julgamento público do seu comportamento foi repleto de machismo e preconceito, com a imprensa frequentemente retratando-a como uma figura imoral e inadequada. Essa narrativa ignorou completamente as suas qualidades intelectuais e artísticas e estereotipou-a como uma mulher escandalosa e transgressora.

O Impacto Pessoal e Social

A perseguição e o ataque à honra de Anayde e João Dantas tiveram um impacto arrasador em suas vidas. João Dantas, dominado pela vergonha e pelo desejo de vingança, assassinou João Pessoa em um ato que seria explorado como uma descoberta para a

Revolução de 1930. Forçada a sofrer a exposição pública e o julgamento moral, a vida de Anayde foi lançada no isolamento social e no sofrimento psicológico. Poucos anos depois, sua morte foi até mesmo envolta em mistério e especulação, com muitos atribuindo-a às consequências da perseguição a que ela havia sido submetida.

Manipulação da Mídia

Os jornais da época desempenharam um papel importante na divulgação de histórias atacando Anayde e Dantas. Veículos como **A União** serviram não apenas para dar maior publicidade à humilhação do casal, mas também para construir a imagem de João Pessoa como um governante virtuoso que lutou contra seus inimigos com justiça. Essa manipulação da mídia foi importante no desenvolvimento da narrativa histórica que promoveu João Pessoa ao status de herói e mártir, ao mesmo tempo em que resignou Anayde e Dantas ao papel de vilões.

Reflexões sobre as Narrativas Históricas

A história oficial muitas vezes esquecia as experiências de Anayde Beiriz e João Dantas ou as apresentava de forma distorcida, transformando-as numa narrativa adequada aos seus interesses políticos. Regressar a estes acontecimentos requer consciência das complexas relações de forças e das dinâmicas de gênero que construíram as narrativas. Tanto Anayde quanto Dantas sofreram nas mãos deste sistema, que usou a eles e às suas vidas como moeda de troca numa luta política maior.

Este capítulo destaca a importância de resgatar as histórias dessas figuras não apenas como personagens trágicos, mas como indivíduos cujas experiências refletem os desafios de resistência às estruturas de poder opressivas. Em uma época em que as narrativas ainda podem ser manipuladas, a busca por uma compreensão mais justa e equilibrada dessas histórias continua a ser uma necessidade urgente.

Capítulo 4: A Criação de Mártir: O Assassinato que se Transformou em Jogo Político

O assassinato de João Pessoa, em 26 de julho de 1930, na Confeitaria Glória, no Recife, tornou-se um ato simbólico, totalmente manipulado para servir a interesses políticos e

fixar discursos que delineavam os rumos do Brasil. Mesmo sendo um ato de vingança pessoal de João Dantas contra o presidente da Paraíba, sua morte foi prontamente retomada na propaganda da Revolução de 1930, tornando João Pessoa um mártir da democracia.

A Propaganda da Revolução

A morte de João Pessoa foi um acontecimento oportunamente explorado pela Aliança Liberal pelas mãos de Getúlio Vargas, buscando dar motivos para sua luta contra o governo federal de Washington Luís e a eleição de Júlio Prestes. O enredo apresentado pela Aliança Liberal retratou João Pessoa como um líder imaculado, um lutador pela democracia e pelas reformas sociais cuja vida foi arrancada pela tirania e pela corrupção nas mãos de seus adversários.

Essa narrativa foi ainda mais levada para as casas por meio de uma forte campanha na mídia. Jornais e discursos políticos elevaram João Pessoa como o "profeta" que havia dado sua vida aos interesses superiores da pátria. Desde aquele dia, ele passou a ser visto como representante da luta pela moralidade e justiça; as controvérsias em sua administração e os eventos que levaram ao seu assassinato ficaram por trás dessa imagem.

A Construção Simbólica

Vários elementos simbólicos foram tomados para perpetuar a memória de João Pessoa, como mudanças no nome do capital: em 4 de setembro de 1930, a cidade da Paraíba foi nomeada João Pessoa, fixando sua memória no imaginário coletivo, e monumentos e mausoléus. Estes últimos foram colocados em locais como o Palácio da Redenção e praças públicas para a perpetuação de sua memória.

Fotografias e Representações: A última fotografia de João Pessoa, tirada minutos após de sua morte, foi amplamente divulgada como um "retrato sagrado".

José Américo de Almeida, por sua vez grande aliado político de João Pessoa, foi responsável por parte considerável do culto a imagem de João Pessoa, como decretos e ordens para construção de uma estátua de João Pessoa, noticiada no jornal A União no dia 06 de outubro do mesmo ano, no mesmo mês José Américo de Almeida emite três decretos entre eles;

Decreto n.1, de 7 de outubro de 1930

“ Considera como parte integrante do material didactico para a educação moral e cívica nos estabelecimentos de instrucção do Estado, o retrato do Presidente João Pessôa.

O dr. José Americo de Almeida, presidente do Estado da Parahyba, considerando que a vida pública e particular do Presidente João Pessôa foi um exemplo constante de amor á virtude e á justiça;

Considerando que na pratica desses elevados princípios de alta moral chegou a sacrificar a própria vida pelo bem do Brasil e da Republica;

Considerando que esse exemplo é a melhor lição de patriotismo que se póde ministrar nos estabelecimentos de ensino através das prelecções cívico-moraes dos nossos educadores.

DECRETA:

Art. 1.º - Como parte integrante do material didactico para a educação cívico-moral nos estabelecimentos officiaes, equiparados e subvencionados de ensino no Estado, figurará, obrigatoriamente, o retrato do eminente parahybano Presidente João Pessôa, que deverá ser colocado em lugar de destaque na classe.

Art. 2.º - O Govêrno fornecerá a cada um dos estabelecimentos officiaes existentes um retrato devidamente emoldurado e, bem assim, aos que, d’ora em diante, forem creados, cabendo aos equiparados e subvencionados adquiril-os por sua conta no prazo maximo de trinta dias.

Art. 3.º - As despesas com a aquisição desses retratos correrão por conta da verba – Material – pelo almoxarifado – das escolas isoladas e grupos escolares, constante da lei n.º 690, de 7 de outubro de 1929.

Art. 4.º - Revogam-se as disposições em contrario. Palacio do governo do Estado da Parahyba, em 7 de outubro de 1930, 41.º da Proclamação da Republica.

José Americo de Almeida
Anthenor Navarro
Flodoardo Lima da Silveira”

Esses elementos fizeram de João Pessoa uma figura onipresente cuja memória era constantemente invocada para dar legitimidade às ações da Revolução de 1930 e do regime Vargas.

O Silenciamento de Outras Narrativas

Enquanto João Pessoa era transformado em mártir, outras histórias eram subalternizadas ou apagadas. João Dantas se tornou o diabo; ele era quem havia cometido um crime contra a democracia. Sua motivação pessoal e as perseguições a que foi submetido tiveram que ser convenientemente varridas para debaixo do tapete para que essa interpretação não minasse a narrativa oficial, sua morte na prisão de primeiro momento foi noticiada como suicídio, dado a conjuntura cultural e religiosa do momento, o quadro vilanesco de Dantas se fechava, o promiscuo, o terrorista, o assassino e em sua morte o excomungado (maldito ou amaldiçoado), ou seja, tudo de ruim que poderia ser uma pessoa para aquele período, no entanto posteriormente foi revelado que não ocorreu o suicido mas sim, um linchamento por parte da população que invadiu a unidade prisional.

“Deixamod cahir o ponto final e com ele o nosso protesto, o nosso clamor, a nossa condenação contra os maldictos que commetteram a deshumana tragédia da Penitenciária do Recife e contra os actos de “bolchevismo outubrista” dos que, mancomunados com assassinos, malsinaram as cinzas daqueles que soffreram, um, o martyrio da sangria, outro, além deste supplício, o bárbaro espancamento com golpes violentíssimos que lhe desfecharam os infames que subiram ao poder, somente para exercer vinganças, somente para semear ódios...”

(P.225 , CALDAS, Joaquim Moreira).

Anayde Beiriz, por sua vez, foi praticamente excluída da história oficial. Sua memória foi reduzida ao nível do preconceito misógino que desconsiderou completamente seu lugar como figura intelectual e trágica, sendo revisitada, e representada no filme Parahyba

Mulher Macho, com roteiro de José Joffily e Tizuka Yamasaki. O simbolismo em torno da morte de João Pessoa superou a complexidade de sua história.

Ao iniciar esta pesquisa sobre as narrativas históricas me deparei com ecos deste silenciamento nos dias de hoje, ecos representados na dificuldade para ter acesso as biografias de João Dantas e Anayde Beiriz, sendo as tiragens bibliográficas escassas, mesmo na universidade federal poucos volumes podem ser encontrados, em contrapartida a versão oficial sobre o mítico João Pessoa se restaura a cada aniversário de morte, essa resistência ao debate também pode ser observada nas negativas consecutivas para início de plebiscito que busca a revisão do nome João Pessoa para a capital paraibana, tentando trazer a luz o debate sobre a sua figura e o seu papel como figura heroica e política.

Consequência Política

A utilização do evento político da morte de João Pessoa foi fundamental no momento pós perca das eleições, para a mobilização de massas em apoio à Revolução de 1930, essa narrativa do martírio que possibilitou que Vargas obtivesse apoio e justificasse a tomada do poder, tendo ao seu lado a figura política de José Américo de Almeida, herdeiro político de João Pessoa, nomeando-o ministro de Viação e Obras Públicas de seu governo. Simultaneamente, porém, tal uso promovia a simplificação, o apagamento de contradições e ambiguidades dos envolvidos.

Considerações Finais

A criação de João Pessoa como mártir mostra como a história pode ser manipulada para servir a interesses políticos. A exaltação de sua figura andou de mãos dadas lado a lado com o silenciamento de outras vozes, resultando em narrativas unilaterais que obscureceram a complexidade dos eventos.

Revisitar essa história significa não apenas entender o contexto político daquela época, mas também como o mecanismo da memória coletiva é construído e manipulado. Salvar as trajetórias de Anayde Beiriz e João Dantas, somadas às contradições de João Pessoa, permitem uma visão mais justa e equilibrada dessa história.

REFERÊNCIAS

1. ABRANTES, Alômia. **Biografia de Anayde Beiriz**. João Pessoa: A União, 1993.
2. BARRETO, Gutenberg. *A revolução brasileira*. *A União*, João Pessoa, 07,out 1930. Disponível em: [A União - Jornal, Editora e Gráfica](#). Acesso em: 03 de Abril de 2024
3. BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Lisboa: Editora Vega, 1982.
4. CALDAS, *Joaquim Moreira*. Porque João Dantas assassinou João Pessoa: o delicto do “glória” e a tragédia da penitenciária do Recife, em 1930. 3ª ed. João Pessoa: Gráfica e Editora Imprell, 2008. 268 p.
5. CAMINHA, Inês. **A revolta de princesa: poder privado x poder instituído**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
6. DUARTE, Genes Ribeiro. **Sacrifício, heroísmo e imortalidade: A arquitetura da construção da imagem do presidente João Pessoa**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, 2009.
7. [Morte de João Pessoa: 90 anos do crime que marcou a Paraíba e mudou a política no Brasil]: G1 PB. Morte de João Pessoa: 90 anos do crime que marcou a Paraíba e mudou a política no Brasil. Disponível em: <[Morte de João Pessoa: 90 anos do crime que marcou a Paraíba e mudou a política no Brasil | Paraíba | G1 \(globo.com\)](#)>. Acesso em: 26 July. 2024.
8. MELO, José Octávio de Arruda. **A revolução estatizada**. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
9. QUEIROZ, Luciano de. **Inventando tradições, construindo memórias: A Revolução de 30 na Paraíba**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, 2006.
10. [João Dantas, o homem que mudou o curso da história]: JORNAL DA PARAÍBA. João Dantas, o homem que mudou o curso da história. Disponível em: <[João Dantas, o homem que mudou o curso da história \(espacopb.com.br\)](#)>. Acesso em: 26 July. 2024.
11. [História: Revolução de 30 e tragédia de três homens que se chamavam João]: CORREIO BRAZILIENSE. História: Revolução de 30 e tragédia de três homens que se chamavam João. Disponível em: <[História: Revolução de 30 e tragédia de três homens que se chamavam João | Notícias | A Cepe | Cepe - Companhia Editora de Pernambuco](#)>. Acesso em: 26 July. 2024.
 - a.
12. [História ‘oculta’ de João Pessoa tem Anayde Beiriz como sinônimo de força, ousadia e poesia]: G1 PB. História ‘oculta’ de João Pessoa tem Anayde Beiriz como sinônimo de força, ousadia e poesia. Disponível em: <[História 'oculta' de João Pessoa tem Anayde Beiriz como sinônimo de força, ousadia e poesia | Paraíba | G1 \(globo.com\)](#)>. Acesso em: 26 July. 2024.
13. [Conheça a história de Anayde Beiriz, paraibana marcada pelo amor]: PORTAL CORREIO. Conheça a história de Anayde Beiriz, paraibana marcada pelo amor. Disponível em: <[JURU EM DESTAQUE: Conheça a história de Anayde Beiriz, paraibana marcada pelo amor](#)>. Acesso em: 26 July. 2024.

14. LIMEIRA, Emanuel; AMARO, Lays. Anayde Beiriz e João Dantas - Um Romance nos anos 30. YouTube, 10 de outubro de 2021. Duração: 19:00. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IdRUeKWwweg>>. Acesso em: 22 de outubro de 2023.
15. LOPES, Inês Caminha Rodrigues. **Olhos Dormentes: A vida e a luta de Anayde Beiriz**. João Pessoa: A União, 1999.